

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

HYTALLO MATHEUS SILVA LEAL

GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE: OLHARES PARA O CASO TIFANNY
UM ESTUDO DE REVISÃO

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2021

HYTALLO MATHEUS SILVA LEAL

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE: OLHARES PARA O CASO TIFANNY
UM ESTUDO DE REVISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Educação Física do Centro Universitário Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. José de Caldas Simões Neto.

Juazeiro do Norte – CE

2021

HYTALLO MATHEUS SILVA LEAL

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE: OLHARES PARA O CASO TIFANNY
UM ESTUDO DE REVISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Educação Física do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. José de Caldas Simões Neto.

Data de aprovação: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me .José de Caldas Simões Neto
Orientador

Prof. Me . Lucielton Mascarenhas Martins
Membro

Prof. Me .Nilmara Serafim Chagas
Membro

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus por ter me dado acuidade durante todo esse processo. Dedico a minha mãe, meus avós e amigos por sempre acreditarem nos meus objetivos e por terem me apoiado nessa jornada. Dedico, também, ao professor José de Caldas pela benevolência e apoio na construção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado com clareza, esperteza e principalmente saúde durante todo meu processo acadêmico me permitindo assim ter desenvolvido meus conhecimentos da melhor forma.

Sou muito grato aos professores que me ajudaram nesse processo orientando, passando seus conhecimentos e experiências, dentre eles gostaria de citar: Lara Bottcher, Renan Vanali, Máira Carvalho, Elton Mascarenhas, Marcelo Catunda, Cicero Rodrigo, Pergentina Parente e carinhosamente para meu professor e orientador José de Caldas.

Entre todos esses anos conheci várias pessoas que quero levar para toda minha vida, profissional e pessoal, entre elas amigos e colegas, a essas pessoas agradeço pelo companheirismo, pela troca de sentimentos e conhecimentos, me ajudando a levar todo esse processo com leveza e clareza, para passar por várias dificuldades durante a minha trajetória acadêmica: Barbara Ferreira, Francisca Natalia, Renata Landim, Lucas Araujo, Poliana Pacheco, Samara Lucena, Benjamin Couto, Laryssa Amelia, Larissa Vieira, Matheus Leslael e Adilson Gomes.

E quero deixar carinhosamente meu admirável agradecimento aos demais discentes e docentes que passaram pela turma 321 de Educação Física.

GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE: OLHARES PARA O CASO TIFANNY UM ESTUDO DE REVISÃO

Hytallo Matheus Silva Leal¹
José de Caldas Simões Neto²

RESUMO

Nesse estudo discutimos sobre sexo e gênero no esporte tendo um olhar mais detalhado para o caso Tiffany. O trabalho trata-se de uma análise bibliográfica onde a princípio foi selecionado 45 pesquisas, dentre elas: artigos, livros e dissertação. Dentre os 45, foram descartados 25 por falta de aproximação com o tema abordado, os demais foram utilizados e discutidos durante o presente artigo. A princípio é explanado a diferenciação do que é sexo e gênero, analisando e abordando a comunidade LGBTQIA+. Nota-se que a temática encontra-se em crescimento e que está relacionada a várias outras vertentes como: religiosa, sociais e até mesmo política. Por fim, realizou-se uma análise a partir dos dados obtidos nas pesquisas discorrendo, assim, durante o texto associando a temática de sexo e gênero no esporte. Este tema vem tomando proporções e chamando atenção de estudiosos desde 2015, quando o Comitê Olímpico Internacional declarou que atletas transexuais que tivessem passado pela transição poderiam competir na categoria onde reconhecesse sua identidade de gênero se enquadrados(as) dentre as regras do (COI). Percebeu-se que as relações de gênero sempre tiveram ligadas ao esporte e pela luta da igualdade na sua performance, com isso foi notado ao longo do estudo, as dificuldades causadas ao não se enquadrar no sistema Cisheteronormativo citado em vários estudos como o modelo vigente no esporte.

Palavras chave: Gênero. Sexualidade. Esporte. Educação Física.

GENDER AND SEXUALITY IN SPORT: LOOKS AT THE TIFANNY UM CASE REVIEW STUDY

ABSTRACT

In this study we discussed sex and gender in sport taking a more detailed look at the Tiffany case. The work is a bibliographic analysis where 45 studies were selected at first, among them: articles, books and dicertations. Among the 45, 25 were discarded due to lack of approximation with the theme addressed, the others were utilized and discussed during this article. At first, the differentiation of gender and gender is explained, analyzing and addressing the LGBTQIA+ community. The methodology used for the development of this research is an analytical bibliographic study. It is noted that the theme is growing and that it is related to several other aspects such as: religious, social and even political. Finally, an analysis was performed based on the data obtained in the research, thus discussing during the text associating the theme of sex and gender in sport. This theme has been taking proportions and drawing the attention of scholars since 2015, when the International Olympic Committee declared that transgender athletes who had undergone the transition could compete in the category where they recognized their gender identity if they fall under the rules of the (IOC). It was noticed that gender relations have always been linked to sport and the struggle of equality in its performance, with this it was noticed throughout the study, the difficulties caused by not fitting into the Cisheteronormative system cited in several studies as the prevailing model in sport.

Keywords: Gender. Sexuality. Sport. Physical Education.

1 INTRODUÇÃO

O tema sexo e gênero é algo ainda recente nos debates sociais e científicos e que abrange diversas opiniões e contestações, pois está em processo de discussão e diretamente relacionado às questões políticas, sociais e culturais. Segundo Stearns (2017, p. 01) falar "em gênero é uma forma de enfatizar o caráter social e, portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais". Tratar de gênero é, também, falar sobre a desigualdade nas relações deles. Essa parte de uma ideia machista de um patriarcado enraizado onde busca inferiorizar o feminino, propondo papéis na sociedade e buscando a superioridade nas funções sociais ao homem o deixando em uma posição de privilégios. A discriminação sistemática contra meninas e mulheres é tanto uma das causas como um dos resultados das desigualdades. Cada vez mais, ela é agravada por outros fatores, como de classe social, raça, etnia, orientação sexual (OXFAN, 2017).

Com o crescimento da temática tratar desse tema em sala de aula, se torna mais necessário tendo em vista que, cada vez mais, os professores como mediadores de conhecimento, vendo a presença dos escolares com um conhecimento maior e questões mais complexas como sexo e gênero (RUBEM, 2000). Ao discutir essas questões é necessário primeiramente apresentar os conceitos e abranger debates sobre o movimento político e social de inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

O movimento teve grandes marcos relevantes para seu desenvolvimento em junho de 1969, em que ocorre um movimento de rebelião contra a posição que os policiais e militares tratavam os "gays", esse movimento foi realizado em frente ao Bar Stonewall Inn no bairro Greenwich Village, em Manhattan, que ficou conhecida como marco de fundação do movimento LGBTTT mundial: a "*Rebelião de Stonewall*" (DUBERMAN, 1994). No Brasil, segundo Canabarro (2013) ao iniciar a década de 1980, o país passa por uma reabertura democrática, com a ditadura perdendo a sua força. Com isso novos movimentos democráticos voltaram a surgir. Nesse mesmo período vai ganhando força, denominado no período, "movimento Gay".

Como a terminologia "gay" não abrange ou representa toda a comunidade, buscou-se a partir de meados de 1980/1990, era do início da utilização da sigla GLS - Gay, Lésbica e Simpatizante, adaptações que se adequasse a inclusão as diversas orientações sexuais e identidades de gênero, hoje representada pela sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans/Travesti, Queer/Questionando, Intersexo,

Assexuais/Agênero, Pansexuais/Poli e mais). Como falado, a sigla sofre alterações constantes a fim de se adequar as diversas orientações sexuais e identidade de gênero (NAFAGUCHI; ADORNO, 2016, p. 28).

A sociedade ainda se depara com o preconceito de forma recorrente. Com isso, o movimento da luta por direitos a aceitação das pessoas LGBTQIA+, pela igualdade social contra as homofobias, bifobia, lesbofobia e transfobia e várias outras vertentes da comunidade (TIN, 2008). O movimento busca, também, a normatização na sociedade dessas pessoas, seja inserida nos mais diversos setores. “No Brasil, é uma evidência a presença de homossexuais em todos os estratos sociais, na vida pública, na cultura, na educação, na política, na saúde, nas fábricas, no esporte, nos shoppings, nas festas, enfim, na trivialidade do cotidiano.” (LEAL, 2016, p. 02).

No esporte, a inserção torna-se de grande necessidade de representatividade levando em consideração que por sua vez, o esporte, segundo o Comitê Olímpico Internacional - COI (2003), é um direito humano e que todos deveriam ter a oportunidade de praticá-lo segundo suas necessidades. E a inserção de atletas transexuais no esporte e sua inclusão nas diretrizes do COI são de enorme significância já que segundo os autores Firmino, Ventur (2017), as atividades esportivas foram por muito tempo destinado a homens a qual as mulheres conquistaram o direito a participação lenta e gradativamente.

Com isso, um dos “T” da sigla anteriormente citada será bastante abrangido, nesse trabalho, levando em consideração a relação do esporte pelas pessoas trans, voltando à atenção para o caso Tiffany para desenvolvimento desta pesquisa. As relações de gênero, mais necessariamente das pessoas trans, no esporte vem sendo bastante discutida atualmente principalmente sobre a atleta, por ter sido a primeira jogadora trans a disputar uma superliga de vôlei feminino.

O uso do termo gênero expressa todo um sistema de relações que inclui sexo, mas que transcende a diferença biológica. O termo sexo designa somente a caracterização genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos (OLINTO, 1998). “Não se pode afirmar que as diferenças biológicas determinam construções de gênero e, por conseguinte, não pode existir um sentido único ou insubstituível atribuível à categoria mulher ou à categoria homem” (MOORE, 1988, p. 7).

Segundo Alves (2018), “Em relação à identidade de gênero, existem muitas pessoas que não se posicionam como homem ou como mulher. Assim, na identidade de gênero há muito mais que o rótulo de homem e mulher, originando uma dimensão

muito mais ampla e diversa”. E completa afirmando, “por último, no que toca a expressão de género, não existem somente pessoas totalmente masculinas ou femininas; a grande maioria tem gostos, interesses, atitudes e formas de vestir masculinos e femininos em diferentes intensidades” (ALVES, 2018, p. 16).

Os conteúdos de género e sexualidade podem e devem estar associadas as demais matérias incluindo a Educação Física. Normalmente estamos acostumados a considerar a sexualidade ligada a fatores biológicos; apesar de ocupar um lugar nesse campo, a problematização do termo sexualidade sugere que o professor consiga estudar este tema sob o viés interdisciplinar. Os estudantes precisam ter consciência de que a sexualidade humana abarca uma variedade de aspectos da personalidade dos indivíduos (OLIVEIRE; URBAN, 2016).

A Educação Física é classificada mais pelo seu viés de colaboração biológica, descartando os demais, outros, fatores que podem ser explanados e aplicados nas aulas de educação física escolar, como por exemplo, fatores históricos, esportivos, sociais, culturais, cognitivos, motores e entre outros. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o tema sexualidade deve ser abordado nos anos finais, pois entende-se que nessa faixa etária os interesses são mais relevantes para os âmbitos sociais, condições de saúde e saneamento básico (BRASIL, 2018, p. 329).

De acordo com Oltramari e Gesser (2019), o enfrentamento dessas questões que são relativas às dificuldades de debater temas como género e sexualidade na escola. Com isso, a preparação na formação dos professores seria de grande importância para lidar com essas problemáticas e na construção de processos educativos inclusivos. Já que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, género e sexualidade são apresentados no documento como um tema transversal a ser trabalhado nas escolas (BRASIL, 1998).

O presente trabalho tem como objetivo, analisar as questões socioculturais de género e sexo, observando quais medidas são tomadas quanto os desafios pedagógicos para falar sobre essa temática. Com isso, o conteúdo género e sexualidade trabalhado durante todo o decorrer dessa pesquisa foi relacionada ao esporte, dando ênfase ao caso da jogadora profissional de vôlei Tiffany.

DESENVOLVIMENTO

A presente revisão envolve a análise de artigos que abordam as questões de sexo e género no esporte dando ênfase na jogadora transexual de vôlei Tiffany Abreu.

A pesquisa teve como foco publicações que discorre sobre sexo e gênero no esporte, e pesquisas sobre a transexualidade no esporte, também, foram coletadas para construção do presente artigo. Para os autores Eco (2000) e Severino (1996) a pesquisa científica pode ser entendida como um processo ordenado e documentado. Em questão a pesquisa bibliográfica, Cook et al. (1997) afirma ser um estudo a qual permite ao pesquisador utilizar dados já existentes e extrair o máximo de informações já elaboradas por outros autores, e assim apresentar as amostras existentes do problema a ser discorrido durante a pesquisa, e por fim orientar um caminho para os futuros pesquisadores.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados os artigos encontrados em navegações pela web e na plataforma google acadêmico, a princípio foram selecionados estudos que pontuasse e explanasse sobre sexo e gênero no esporte, após a separação das pesquisas foi feita a leitura com o objetivo de extrair os mais relevantes para o tema.

O trabalho trata-se de uma análise bibliográfica onde a princípio foi selecionado 45 pesquisas após leitura dos títulos foram descartados 25 por falta de aproximação com o tema abordado, os demais foram utilizados e discorridos durante o presente artigo. Os artigos selecionados passaram por uma análise prévia excluindo os que não se aproximavam com o tema e foram ordenados para deixar o texto de forma clara e coesa, expondo dados científicos e debates sobre a temática, ficando para essa revisão 06 estudos, os quais tem o objetivo traçado por este estudo com ênfase nos estudos de sexo e gênero no esporte voltado para o caso Tiffany Abreu.

Quadro 01: Estudos de sexo e gênero no esporte, com ênfase no caso Tiffany Abreu.

ANO	REVISTA	AUTORES	TÍTULO	OBJETIVOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
2015	(EVENTO)	Teofilo de Brito L. e Silva Pontes V.	“TIFANNY ABREU IS STILL ONE OF THE GUYS” - UMA DISCUSSÃO SOBRE TRANSGENERIDADE NO ESPAÇO DO VOLEIBOL	Analisar como foi apresentado o caso da jogadora transexual da modalidade vôlei feminino, Tiffany Abreu na mídia enquanto a mesma passava pelo processo da terapia de hormonização.	A partir do caso de Tiffany Abreu o voleibol mostra-se como um dos esportes mais abertos a se tratar do binarismo homem/mulher e masculino/feminino sobre a pluralidade de gênero. Evidenciando desconstruções sociais cisheteronormativas, em relação ao acompanhamento da inclusão da jogadora quanto as transformações corporais pelo tratamento hormonal.
2018	Revista Transversos	Aquino Paes E. e Ceosta Moas L.	O MASCULINO, O FEMININO E O ESPORTE – O PROJETO DE LEI JOÃO NERY E UM OLHAR SOBRE A JOGADORA DE VÔLEI TIFFANY	O objetivo desse trabalho é de indagar reflexão para algumas questões sobre a transgeneridade tendo em vista que essa população é a mais vulnerabilizada do movimento LGBTQIA+.	Por fim, os autores ressaltam a supervalorização hetero masculina perante as questões femininas e LGBTQIA+, ressalta falando que esse papel hierárquico criado pensando em alavancar os privilégios do homem cishetero colabora para desigualdade. E afirma por fim que as dificuldades enfrentadas pela jogadora Tiffany Abreu fazem parte desse papel hierárquico criado pela sociedade cishetero normativa.
2018	Pesquisas e Políticas sobre Esporte	Marques Garcia R. e Barbosa Pereira E. G.	RESSIGNIFICAÇÕES NO ESPORTE ATRAVÉS DA PERFORMANCE DE TIFANNY ABREU	A perspectiva desse estudo foi analisar a trajetória da atleta Tiffany Abreu e problematiza o seu processo de resignificação no Esporte.	A partir de observações, os autores identificam que mesmo na comunidade LGBTQIA+ há privilégios, reconhecimentos e valorização múltiplas na perspectiva esportiva. Por fim, conclui afirmando que mesmo com o aumento nas questões esporte e gênero, no formato em que ainda se apresenta, não abarca plenamente todos/as os/as participantes sociais de suas práticas.

2019	Revista de Educação Física da UFRGS	Marques Garcia R. e Barbosa Pereira E. G.	A TRAJETÓRIA PESSOAL DE TIFANNY ABREU NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO	O objetivo do estudo é compreender a trajetória pessoal de Tiffany Abreu em seu processo de subsistência e introdução no voleibol feminino de alto rendimento.	Foi averiguado que as regras do contexto esportivo efetuam performances através de uma visão cis-heteronormativa, partidas de convenções estruturadas de desigualdade, atuação e privilégios desiguais entre os atletas. Reconhecendo as novas medidas do modelo tradicional e afirma com isso haver novas possibilidades constituintes de formas reclusas na participação do esporte.
2020	Motrivivencia: Revista De Educação Física, Esporte e Lazer	Caiado de Castro P. H. Z., Marques Garcia R. e Barbosa Pereira E. G.	O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista	O trabalho tem como objetivo demonstrar e argumentar sobre pessoas trans no esporte de forma a possibilitar o entendimento a sua performance no alto rendimento.	Os autores ao fim da pesquisa ressaltam que não irão finalizar o tema e em sua perspectiva, utilizariam do espaço para enfatizar a importância da participação das pessoas trans no esporte e reforça com o pedido para o leitor de acompanhar esses(as) atletas. Por fim, ressaltam a importância do incentivo a pessoas trans no esporte e causam uma reflexão ao leitor indagando sobre a questão inicial.
2020	Educación Física y deporte	Marques Garcia R. e Barbosa Pereira E. G.	TRANSEXUALIDADE E ESPORTE: O CASO BRASILEIRO DE TIFANNY ABREU	Relatar e investigar a carreira da atleta transexual Tiffany Abreu no voleibol de alto rendimento e seu processo de transformação no meio esportivo.	Contudo, é notado que há resistências na descoberta e trabalho de Tiffany devido a preceitos heteronormativos, a colocando em uma visão de marginalização e excludentes, que não reconhecem uma performatividade <i>queer</i> .

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Segundo os autores Garcia e Pereira (2020), dentro do sistema mundial, as categorias de gênero e sexualidade são construídas levando em consideração a ideia coerente entre sexo de nascimento, gênero social e orientação afetivo-sexual que, em suma, traduz-se no regime conhecido como cisheteronormatividade. Quando se refere ao termo Cis para identificar a identidade de uma pessoa, em suma, significa dizer que ela se reconhece com o sexo designado ao seu nascimento (VERGUEIRO, 2014; 2015).

O Gênero se faz por meio de uma construção social e essa construção pode variar tanto no seio de uma mesma sociedade como em outra qualquer (SARTORI, 2004). “[...] a Sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos” (NUNES, 1987, p. 23). Nesse sentido o desvelamento e a proliferação de siglas (que não são mera sopas de letrinhas), se mostram como um reconhecimento de modos de vida, subjetividades que não cindem representações e corporalidades sintetizadas enquanto campos de sentimentos, sensações e experiências performático-sexuais (NAFAGUCHI, et al., 2016).

Segundo Alves (2018, p. 16), “Em relação à identidade de gênero, existem muitas pessoas que não se posicionam como homem ou como mulher. Assim, na identidade de gênero há muito mais que o rótulo de homem e mulher, originando uma dimensão muito mais ampla e diversa”. E completa afirmando, “por último, no que toca a expressão de gênero, não existem somente pessoas totalmente masculinas ou femininas; a grande maioria de nós tem gostos, interesses, atitudes e formas de vestir masculinos e femininos em diferentes intensidades”.

A Educação Física se constitui numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento criadas pelo homem ao longo de sua história (DAOLIO, 1996, p. 40). Por volta do século XIX, quando houve a inserção oficialmente nas escolas, a educação física sofreu várias crises de identidade, após sua permanência como matéria obrigatória na educação formal, e sua história foram marcadas por diversas dificuldades de reconhecimento (DARIDO, 1999; ARANTES, 2008). Após a Lei de Diretrizes e Bases ser vigorada, houve um debate sobre o sistema educacional brasileiro. Nessa lei ficou determinada a obrigatoriedade da Educação Física no ensino primário e médio (BRASIL, 1996).

Os conteúdos de gênero e sexualidade podem e devem estar associadas as

demais matérias incluindo a Educação Física. Como afirma as autoras, normalmente estamos acostumados a considerar a sexualidade ligada a fatores biológicos; apesar de ocupar um lugar nesse campo, a problematização do termo sexualidade sugere que o professor consiga estudar este tema sob o viés interdisciplinar (OLIVEIRE; URBAN, 2016). Os estudantes precisam ter consciência de que a sexualidade humana abarca uma variedade de aspectos da personalidade dos indivíduos (OLIVEIRE; URBAN, 2016).

Para Oltramari e Gesser (2019), o enfrentamento dessas questões que são relativas às dificuldades de debater temas como gênero e sexualidade na escola. Com isso, a preparação na formação dos professores seria de grande importância para lidar com essas problemáticas e na construção de processos educativos inclusivos. Já que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, gênero e sexualidade são apresentados no documento como um tema transversal a ser trabalhado nas escolas debatendo dentro do termo as diferenças, estereótipos, tabus, preconceitos, conceitos e crenças, porém mantendo um distanciamento das opiniões e aspectos pessoais do professor (BRASIL, 1998).

Quanto as pessoas trans, não encontram guarida, tampouco respaldo, para se inserirem e permanecerem nas práticas esportivas sistêmicas, a não ser que renunciem sua identificação pessoal subordinada ao sistema esportivo, adotando e fixando compulsoriamente uma identidade cissocial, isto é, que lhe garanta a passabilidade de gênero cis (GARCIA; PEREIRA, 2020). E completam afirmando, dessa forma, compreende-se que pessoas cis que se enquadra em um sistema heteronormativo possuem diminuição da precarização e vulnerabilidade da condição de vida sistêmica, sendo, portanto, melhores reconhecidas e tendo suas práticas sociais mais valoradas e permitidas (GARCIA; PEREIRA, 2020).

Com isso, o conteúdo gênero e sexualidade trabalhada durante todo o decorrer dessa pesquisa irá ser relacionada ao esporte de rendimento com uma perspectiva escolar, dando ênfase ao caso da jogadora profissional de vôlei feminino Tiffany. A jogadora profissional de vôlei feminino Tiffany Abreu, abriu discursões quanto a sua permanência como jogadora da categoria. A jogadora nasceu no ano de 1984 na cidade de Paraíso do Tocantins (Tocantins), na maior parte de sua vida, especificamente, até os 29 anos de idade, Tiffany viveu com o sexo designado ao seu nascimento, começando seu tratamento hormonal em meados 2014.

A atleta competiu em times na categoria masculino até o ano de 2014, após

fez cirurgia de redesignação sexual dando uma pausa nas competições. Em 2017 já tinha dado início a sua transição. Nesse mesmo ano recebeu permissão da FIVB (Federação Internacional de Voleibol) liberando-a para competir em ligas femininas. A partir dos critérios dados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), a jogadora não foi a primeira trans a jogar na categoria feminina de vôlei, porém o seu caso tomou repercussão por ser a primeira jogadora com uma performidade Queer a ser inserida no auto rendimento aqui no Brasil (Garcia e Barbosa, 2020). Treinadores e outras jogadoras afirmaram que ela teria vantagens por ter feito sua transição tardia, pôs ela quando jogava em categorias masculinas, era considerada um jogador mediano, sem muitos destaques.

Segundo o Comitê Olímpico Internacional, não é necessário fazer a cirurgia de redesignação sexual (CRS) para disputar competições femininas. Basta ter um nível de testosterona abaixo de 10 nanomols por litro de sangue (COI, 2016). A Tiffany durante a competição apresentava níveis de testosterona inferiores aos exigido pelo COI, tendo 0,2 nanomols por litro de sangue. Em entrevistas Berenice Bilharinho de Mendonça, referência nacional em distúrbios do desenvolvimento sexual, pontua “se formos discriminar mulheres trans por serem mais altas e mais robustas, devemos limitar, também, as participações das mulheres Cis com essas características”.

Com um maior foco das pessoas trans no Esporte, as pesquisas internacionais ganham notabilidade após a publicação do Comitê Olímpico Internacional sobre as novas recomendações de competição para transgêneros e intersexuais, no final de 2015 (MACHADO, 2019). Com isso a crescente das vertentes do estudo no Brasil se deve a participação da jogadora de vôlei Tiffany Abreu, sua entrada no time feminino do SESI/Vôlei Bauru para competir a Superliga feminina em Dezembro de 2017 causou repercurções e curiosidades quanto a sua permanencia no time.

Com isso, notou-se um maior interesse para estudos com a presente temática e busca de dados na perspectiva para se obter as referencias. Partindo estudos de duas vertentes, primeiro do ponto de vista biomédico, que por sua vez, não se relaciona com a Ciência do Esporte tendo assim dúvidas quando a sua legitimidade. Segundo na Educação Física, que problematizam as manifestações cisnormativas no esporte em uma crescente significativa desde 2010 (GARCIA; PEREIRA, 2020).

Garcia e Pereira (2020) pontuam, um desabrochar de novos sentidos e significados é possibilitado pela presença de um corpo desviante, que não se

enquadra nos modelos pré-estabelecidos e que parece não possuir classificação na prática esportiva. Quando um corpo não cisnormativo é inserido e estabelecido em um esporte com uma visão binária de masculino e feminino, a conotação para a prática do esporte moderno sofre uma expansão nas possibilidades de sua realização, amplificando os limites do corpo.

A participação da performance de mulheres já foi proibida, pois “Pierre de Coubertin, fundador das olimpíadas modernas (das quais as mulheres foram, de início, excluídas), afirmou que ‘os esportes femininos “eram contra as leis da natureza” (FAUSTOSTERLING, 2001: p. 14). As performances de feminilidades e de masculinidades são indissociáveis de cada indivíduo, já que se é lido socialmente a partir do que se performa (PAES; MOAS, 2018).

Socialmente, marca e reforça as divisões por gênero, reproduzindo desigualdades entre os sexos e entre as representações de masculinidade e feminilidade (GRESPLAN; GOELLNER, 2014). Dessa forma, outras práticas sociais, configura-se como “um local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, o exercício da sexualidade e a experimentação das representações de gênero” (GRESPLAN; GOELLNER, 2014, p. 1278).

A presença de atletas que desafiam as normas do Esporte, que se apresentam de forma excêntrica, dúbia, provocativa, questionadora e descentralizada, em suma, com um viés queer, parece subverter, ou ainda deslocar, os sentidos que são empregados na esfera esportiva e que sustentam suas premissas conforme o determinismo biológico e o binarismo masculino/feminino (PEREIRA; GARCIA, 2019, p. 03).

Butler (2014) afirma que o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas também pode ser o aparato de desconstrução e desnaturalização das hierarquizações e dos binarismos impostos pelas regulações sociais. Symons e Hemphill (2006), a maior dificuldade que mulheres transgêneros enfrentam no esporte é diferença fisiológica atribuída aos níveis de testosterona, influenciando a massa muscular e a força, que começam a ser adquiridas ainda na fase da adolescência.

Pesquisas importantes foram realizadas para entender o impacto da transição hormonal no corpo de atletas trans (GOOREN; BUNCK, 2004; GOOREN, 2008). Após o avanço nos estudos o Comitê Olímpico Internacional (COI), faz publicação e permite a inclusão de atletas trans no esporte. Diante das novas recomendações adotadas pelo

COI, a modalidade de vôlei teve sua primeira participação trans no alto rendimento, em 2016 a líbero Alessia Ameri, que jogou na Série A2 do Campeonato Italiano pela Hermaea Entu (GARCIA E PEREIRA, 2020).

Em 2017 a atleta brasileira Tiffany Abreu repete o feito e passa a se destacar por ser a primeira trans no alto rendimento em sua categoria. No Brasil, o caso Tiffany acendeu discussões coercitivas que tentam suprimir uma corporalidade divergente ao modelo binário e heteronormativo no Esporte (GARCIA; PEREIRA, 2019). A partir das normas institucionais para inclusão de pessoas trans do esporte é dada atenção à cirurgia de transgenitalização, troca de documentação e terapia hormonal. Brito e Pontes (2015), no caso de Tiffany, a terapia hormonal visa a diminuição da produção de testosterona e o aumento do estrogênio, e afirmam, se o processo de troca de gênero ocorrer antes da puberdade, é descartado o cumprimento dessas regras. Quanto a mudança de nome e de gênero no assento de registro civil o Supremo Tribunal Federal reconhece a possibilidade da mudança sem o processo cirúrgico de redesignação sexual, Projeto de Lei nº 5002/2013 (PAES; MOAS, 2018).

As transformações vividas por Tiffany, no processo de mudança de identidade de gênero, conseqüentemente, trazem reflexos em sua equipe nos campeonatos disputados. Ao mesmo tempo em que é apoiada pelos companheiros de time, Tiffany sabe que pode ser alvo de provocações dos times e de torcidas adversárias (BRITO; PONTES, 2015, p. 11).

Os estudos Queer (EQ) abrangem discussões problematizadoras acerca da heterossexualidade enquanto único regime sociopolítico-cultural, utilizando-se da desconstrução discursiva que legitima apenas este modelo enquanto verdadeiro e/ou possível, denunciando assim como o gênero é regulado socialmente através de relações hierárquicas que conferem e sustentam privilégios a uns em detrimento de outros (MISKOLCI, 2009; 2012).

Uma mulher transgênero, para além das opressões femininas carrega ainda o estigma da transgeneridade. Esse estigma deriva, também, do fato de as pessoas transexuais durante muitos anos foram consideradas portadoras de um transtorno mental, o transtorno de identidade de gênero e ademias estiveram em posições marginalizadas da sociedade (PAES; MOAS, 2018). Ao ser introduzida em um papel importante como jogadora de um time profissional a Tiffany abre espaço e traz luz a um tema absolutamente sensível sobre os papéis impregados da sociedade do que é ser homem ou mulher (FAUSTO-STERLING, 2001).

Quanto à inserção e permanência de Tiffany na categoria feminina de voleibol

foi alvo de argumentos quanto a sua vantagem de força física. É exposto várias vezes a vantagem por biologicamente ter nascido com estereotipo masculino quanto as outras atletas cisgenero. Esse argumento de autoridade científico-médico-biológico fora contestado, já que uma análise de seu desempenho, em comparação com outras atletas de mesmo nível não revela nenhuma excepcionalidade (PAES; MOAS, 2018).

A superioridade da força física que se atribui à Tiffany não lhe traz um rendimento muito excepcional, principalmente se comparados às demais atletas do mesmo esporte, sendo quase que um falso pressuposto para que se impeça a participação da atleta e de outras transgênero (PAES; MOAS 2018). Pode-se observar esses dados a partir dos dados demonstrado em uma matéria do jornal O estado de São Paulo.

No mesmo período de competição, Bruna Honório, do Pinheiros, marcou 124 pontos enquanto Tandara fez 110, mas com uma partida a menos. E Edinara, do Hinode Barueri, tem 90 pontos nessas sete rodadas. As quatro são as principais pontuadoras do torneio. Os números chamam a atenção, mas Tiffany também mostra deficiências no ataque. Os 39 pontos feitos na última partida saíram de 75 ataques, ou seja, ela teve 44% de acerto. Na mesma rodada, Tandara fez 15 pontos, mas com 56% de eficiência. E Bruna marcou 33 pontos, com 46% de acertos. (FAVERO, 2018, p. 24).

As questões de esporte e as áreas que o interliga, como, questões sociais, motoras e outros temas como sexo e gênero são pautas que podem e devem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física, como mostra os PCN's (BRASIL, 1998). A constituição teórico-epistemológica da Educação Física foi e continua sendo alvo de constante disputa por diferentes concepções de ciência, em especial entre as Ciências Biológicas e as Ciências Humanas e Sociais (LÜDORF, 2002; CASTRO et al., 2017; LÜDORF; CASTRO, 2017). Neste contexto, sobrepõe-se uma das temáticas presentes na subárea sociocultural que tem ganhado destaque nas últimas décadas sobre os estudos de gênero (PEREIRA; PONTES; RIBEIRO, 2014).

4 CONCLUSÃO

As questões de gênero e sexo foram abordadas nessa revisão fazendo relação com o esporte e dando ênfase na jogadora trans Tiffany Abreu. O tema proposto foi trabalhado ativamente de forma a familiarizar o leitor com as diferenças entre gênero e sexo, e também, a discorrer sobre o movimento LGBTQIA+, logo esse

está relacionado diretamente com a proposta.

A partir do objetivo proposto nessa pesquisa percebe-se que as relações de gênero tiveram ligadas ao esporte e pela luta da igualdade na sua performance. Observa-se que o sistema cisheteronormativo empregado ao esporte como método de sua prática interfere nas relações de corpos com conotações diferentes desse sistema e sua inserção. Notou-se também que a jogadora Tifanny Abreu percorreu um grande caminho partindo de três perspectivas, 1º adequar-se as regras do Comitê Olímpico Internacional, 2º sua inserção no esporte com uma performance que não cumpre com o sistema cishetero e 3º sua permanência em time de base jogando no auto nível na categoria feminina.

Durante a trajetória de pesquisa reconhece também que-a jogadora é alvo de diversas opiniões que se opõe a sua permanência, seja por questões fisiológicas, anatômicas ou por não terem conhecimento quanto a essas percepções. Partindo desse pensamento, são realizados estudos que mostra que a atleta não tem vantagens relacionando-a as outras jogadoras Cis. Entende-se que pelo modelo arcaico vigente atual do nosso país, que por muitas vezes ainda machista, trata a mulher como incapaz de realizar algumas atividades, e tornar uma mulher trans incapaz de realizar um esporte por não se adequar ao modelo cishetero vigente só realça a fragmentação desse preconceito.

Como impemilios encontrados na realização do estudo podemos citar, artigos que não se relacionasse diretamente com o tema abordado, estudos ainda não maturados, o acesso limitando aos artigos expostos na web e trabalhos internacionais em lingua estrangeiras tendo em vista o acesso dificultoso a eles. Recomenda-se a presente pesquisa como material para estudos futuros onde abordam a temática de gênero e sexualidade no esporte, visando enriquecer e agregar em pesquisas similares.

REFERÊNCIAS

ALVES, Diogo Francisco Pereira. A Expressão de Género no Homem Queer: e a relação da comunidade lgbtqi+ com a .:network::: das zines. **U. Porto**, Porto, p. 01-67, 2018.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Ars Poética, 2000.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino médio. Brasília: MEC, 2000.

BRITO, L. T. D; PONTES, Vanessa Silva. Tiffany abreu is still one of the guys: uma discussão sobre transgeneridade no espaço do voleibol. **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina**, Vitória-ES, v. 01, n. 01, p. 1-16, set./2015.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. *Cadernos pagu*, v. 42, p. 249-274, 2014.

CANABARRO, Ronaldo. **História e Direitos Sexuais No Brasil**: o movimento lgbt e a discussão sobre a cidadania. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/historiaedireitoscanabarro.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020.

CASTRO, P. H. Z. C. D; PEREIRA, R. M. G. E. E. G. B. O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 32, n. 61, p. 1-22, mar./2020.

COOK, D.J.; Mulrow, C.D.; Haynes, R.B. **Systematic reviews**: synthesis of best evidence for clinical decisions. *Annals of Internal Medicine*, v.126, n.5, pp.376-380, 1997.

DAOLIO, Jocimar. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EM BUSCA DA PLURALIDADE**. *Rev. paul. Educ. Fis*, São Paulo, v. 2, p. 40-42, 1996.

DARIDO, Suraya Cristina. O Contexto da Educação Física Escolar. In: DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DUBERMAN, Martin. **Stonewall. New York**: Penguin Books, 1994.

ECO, U. **Como Se Faz uma Tese**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2000.

FAUSTO-STERLING, ANNE. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu** (17/18), pp.9-79, 2001.

FAVERO, Paulo. **O Estado de São Paulo**. Publicado em 01 de fevereiro de 2018. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

FIRMINO, Carolina Bortoleto; VENTUR, Mauro de Souza. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Trindade**, Sorocaba, v. 8, n. 10, p. 1-14, dez. 2017.

GARCIA, R. M., & PEREIRA, E. G. B. Resignificações no Esporte através da performance de Tiffany Abreu. *E-Legis-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados*, 11, 24–44, 2018.

GARCIA, R. M., & PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. **Movimento**, 25, e25032, 2019.

GARCIA, R. M., & PEREIRA, E. G. B. Do céu ao inferno: relato de um corpo queer

em uma corrida de rua. In E. G. B. Pereira & A. C. Silva (Orgs.), **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento** (pp. 19–35). Curitiba: Editora Appris, 2019.

GARCIA, Rafael Marques; FEDERAL, E. G. B. P. TRANSEXUALIDADE E ESPORTE: O CASO BRASILEIRO DE TIFANNY ABREU. **ResearchGate**, Rio de Janeiro , p. 1-20, jul./2020.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, E. G. B. A TRAJETÓRIA PESSOAL DE TIFANNY ABREU NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO. **Movimento** , Porto Alegre, v. 25, n. 25032, p. 1-15, mai./2018.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, E. G. B. A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans . **Movimento** , Rio de Janeiro , v. 26, n. 26068, p. 1-16, set./2020.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, E. G. B. RESSIGNIFICAÇÕES NO ESPORTE ATRAVÉS DA PERFORMANCE DE TIFANNY ABREU. **ResearchGate**, Brasília , p. 23-44, out./2019.

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, v. 20, n. 4, p.1265-1282, out. /dez. 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v.13, n. 2, p.171-196, mai./ago. 2007.

GOOREN, J. G., BUNCK, M. C. M. Transsexuals and competitive sports. **European Journal of Endocrinology**, 151, 425–429, 2004.

GOOREN, J. G. Olympic sports and transsexuals. **Asian Journal of Andrology**, 10(3), 427–432, 2008.

LEAL, Jorge. **Advergay**: do armário ao comercial de O Boticário. Revista Espaço Acadêmico nº 187. Maringá, 2016.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. **Panorama da pesquisa em Educação Física da década de 90**: análise dos resumos de dissertações e teses. Revista Educação Física da UEM, Maringá, v. 13, n. 2, p. 19- 25, 2002.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti; CASTRO, Pedro Henrique Zubcich Caiado de. **Realidades da pósgraduação em Educação Física**: manutenção ou desmonte das subáreas sociocultural e pedagógica? In: TELLES, Sílvia; LÜDORF, Sílvia; PEREIRA, Erik (Orgs.). Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, v. 1, p. 21- 29.

MACHADO, Anna Cristina Alvares Ribeiro. Alguns apontamentos sobre a diversidade de gênero nos esportes. RECITAL – **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara**, v. 1, n. 2, p. 37-60, set./dez. 2019.

MACHADO, Anna Cristina Alvares Ribeiro; MARTELLI, Andrea Cristina. ESCOLA E EDUALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A DIVERSIDADE DE GÊNERO NOS

ESPORTECAÇÃO SEXUAL: uma relação necessária. **Revista de Educação: ciência e tecnologia** de Almenara, Almenara, v. 1, n. 2, p. 17-24, dez. 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Revista Sociologias*, v. 21, p. 150-182, 2009.

MOREIRA, Lidiane. **Estudos da subjetividade** : Uma aproximação interdisciplinar. ed. Palmas-TO: EDUFT, 2020. p. 1-119.

MOORE, H. L. **Feminism and Anthropology**. Cambridge, Polity Press. 1988.

NAFAGUCHI, Thiago; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital. **Saúde & Transformação Social**: UFSC, Santa Catarina, v. 7, n. 3, p. 22-35, 2016.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 161-169, ago. 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1415-790x1998000200006>.

OLIVEIRA, Luciana Garagnani de; URBAN, Ana Claudia. gênero e sexualidade na escola: uma abordagem sobre a complexidade na prática pedagógica para professores do ensino médio. **Cadernos Pde**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2016.

OLTRAMARI, Leandro Castro; GESSER, Marivete. Educação e gênero: histórias de estudantes do curso gênero e diversidade na escola. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 27, n. 3, p. 1-14, 2019.

PAES, E. D. A; MOAS, L. D. C. O MASCULINO, O FEMININO E O ESPORTE : O PROJETO DE LEI JOÃO NERY E UM OLHAR SOBRE A JOGADORA DE VÔLEI TIFFANY. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro , n. 14, p. 133-149, jan./2018.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; PONTES, Vanessa Silva; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Jogos Olímpicos de Londres 2012: brasileiros e brasileiras em foco. **Revista Educação Física da UEM**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 257-271, jun. 2014.

SARTORI, E. Reflexões sobre relações de Gênero, família e trabalho da mulher: desigualdades, avanços e impasses. **Cadernos CERU**, v. 2, n 15, p. 171-184, 2004.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. Cortez Editora, 1996.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007. p. 251.

SYMONS, C.; HEMPHILL, D. Transgendering sex and sport in the Gay Games. In: CAUDWELL, J (Org.). **Sport, Sexualities and queer/theory**. London: Routledge, 2006. p. 109-128.

TIN, Louis-Georges (organizador). **Dictionary of homophobia: a global history of gay and lesbian experience**. 1. ed. Tradução de Marek Redburn. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2008.

VERGUEIRO, Viviane (Simakawa). Colonialidade e cis-normatividade: entrevista com Viviane Vergueiro, por Boris Ramírez Guzmán. **Revista Iberoamérica Social**, v. 3, p. 15-21, 2014. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/wp-content/uploads/2015/01/Ram%C3%ADrez-B.-2014.-Colonialidad-e-cis-normatividade.-Entrevista-con-VivianeVergueiro..pdf> . Acesso em 8 abr. 2020.

VERGUEIRO, Viviane (Simakawa). **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 243f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2015.